

Os gatos da rua Ésquilo

Camila de Moura

© Camila de Moura, 2024

Edição: Bárbara Tanaka e Guilherme Conde Moura Pereira

Fotografias: Camila de Moura

Projeto gráfico e diagramação: Bárbara Tanaka

Comunicação: Hiago Rizzi

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Bibliotecário responsável: Henrique Ramos Baldisserotto – CRB 10/2737

M929g Moura, Camila de
Os gatos da rua Ésquilo / Camila de Moura. – 1. ed. – Curitiba, PR:
Telaranha, 2024.

36 p. : il.

ISBN 978-65-85830-04-1

1. Ficção Brasileira 2. Fotografia I. Título.

CDD: 869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura Brasileira 869.93

Direitos reservados à
TELARANHA EDIÇÕES
Rua Ébano Pereira, 269 – Centro
Curitiba/PR – 80410-240
41 3220-7365 | contato@telaranha.com.br
www.telaranha.com.br

Impresso no Brasil
Feito o depósito legal

1ª edição
Abril de 2024

Ao tempo que derrui nossas estátuas
mestre dos iconoclastas





I. Visto numa lágrima

Da janela deste hotel eu vi as três luas de Roma, triplo diadema sobre o cenho dos insones. A segunda, mais sutil do que a primeira, e a terceira, que a segunda, num triângulo dispostas, ardente o coração da prata. A primeira, pensei, é a pequenina que me banha. A segunda, a que banhou Apuleio, o argelino sacerdote de Ísis, sublime condutor de histórias irresistíveis, fermentando-as em seu peito à sombra dos pinheiros mansos, tão imortal quanto um instante velando em suas togas a irrealdade dos suspiros – um burro falante, um harpista das cordas do espírito, cercado por tanta feiura quanto pela devota beleza, escavando à força seu árduo silêncio como nós em meio à turba, que o apaixona e o perturba em igualíssima medida. A lua terceira, concluo, é aquela sob a qual se amaram os servos de Júpiter, esse supremo destronador do tempo – que sobre os alicerces da Idade do Ferro ergueu seus ossos violáceos na forma de um templo imenso, reflexo de uma ordem jamais conquistada, mas sempre e com tamanha paixão sonhada – acreditavam nela os operários que cavaram com o sangue de seus corpos o fosso profundo? Eu não sei, mas sei que se amaram – pois se amam as criaturas – sob os halos vermelhos de sua mãe, barca múltipla e fatídica que à noite se levanta desde que o mundo a si próprio se alucina.